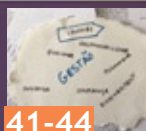


Diversidades

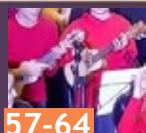
Liderança e Educação



07-40

Estilos de Liderança

41-44

Liderança e Educação

57-64

**Projeto aCORDE
Comemoração dos Cordofones
Tradicionais Madeirenses**



Ficha Técnica

| | |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Diretor | Marco Paulo Ramos Gomes |
| Redação | Serviços da Direção Regional de Educação e colaboradores externos |
| Revisão | Divisão de Apoio Técnico |
| Morada | Rua D. João n.º 57 9054-510 Funchal Telefone: 291 705 860 |
| Email | revistadiversidades@madeira.gov.pt |
| Grafismo e Paginação | Divisão de Apoio Técnico |
| ISSN | 1646-1819 |
| Distribuição | Gratuita - Disponível em www.madeira-edu.pt/dre |
| Fotos | Alice Vasconcelos Aquaphotostories Colégio Clara Suiter david reid d.noticias.pt DRE EB23 CJJGA Emmanuel Chaunu erasmus Esintu fancycraves Idalécia Henriques J M José Matias Alves WondleyWonderWorks Melanie cook Parlamento Mais Perto Pixabay Plymouth District Library Rui Alberto Camacho Thomas Meier |

A celebração da excelência na escola pública

Reforço ou entrave à democratização da educação?

Leonor L. Torres - Instituto de Educação da Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEd)

1. O elogio da performatividade

Há justamente uma década, em 2009, publiquei o primeiro texto sobre a problemática da excelência escolar, numa altura em que o tema surgia algo dissonante da agenda investigativa, mais voltada para o estudo da liderança, da eficácia, da autonomia, do abandono e do insucesso escolar. Desde então, as primeiras pesquisas piloto realizadas numa escola secundária e, mais tarde, alargadas ao panorama nacional através da coordenação do projeto *Entre Mais e Melhor Escola: A excelência académica na escola pública portuguesa* (Excel.pt)¹, permitiram apreender a multidimensionalidade de um fenómeno complexo

e sociologicamente pouco estudado. Neste artigo destaco apenas um tópico desta vasta temática, na convicção de que a sua relevância para o debate da escola atual justifica uma revisita aos argumentos então avançados em algumas publicações².

A agenda política tem vindo progressivamente a inscrever no quadro das preocupações educativas os princípios da qualidade, da excelência e do mérito. Esta orientação atravessa várias escalas e espaços institucionais: ao nível global, a expansão da *nova gestão pública* tem vindo a reconfigurar o modo de regulação do sistema educativo, agora mais focado na produção de resultados; no plano nacional, assiste-se ao reforço dos mecanismos de avaliação e de *accountability* (Afonso, 2009, 2016),



Fonte: Emmanuel Chaunu, Ouest-France, 22 de abril de 2009

ao mesmo tempo que se fortalecem as estruturas de gestão e liderança de tipo performativo (Torres, 2017; Torres, Palhares & Afonso, 2018); ao nível organizacional, intensifica-se o processo de fusão dos estabelecimentos escolares através da criação de agrupamentos e agregações, agora pretensamente mais capacitados para “competir” no mercado educacional (Lima, 2011, 2018); ao nível sociocultural, as pressões das famílias na escolha da “boa escola”, da “boa turma”, do “melhor corpo docente” e do “melhor explicador” constituem práticas cada vez mais assumidas e politicamente legitimadas (Antunes & Sá, 2010; Costa, Neto-Mendes & Ventura, 2013).

Este movimento de natureza tentacular, focado na apologia da meritocracia e da excelência académica, tem induzido dinâmicas institucionais que tendem a ser naturalizadas, mimetizadas e acriticamente ritualizadas. A multiplicação de práticas de distinção académica na maioria das instituições educativas do país é, hoje, uma realidade com diversas manifestações, ciclicamente avivadas no espaço escolar - concursos, prémios de mérito, louvores, homenagens, quadros de valor, quadros de excelência. De acordo com os resultados do projeto Excel.pt que coordenei, 92% das escolas secundárias prevê formalmente a instituição de mecanismos de distinção dos melhores alunos, sendo que, na prática efetiva, cerca de metade institui uma “distinção focada exclusivamente nos resultados”, operacionalizada

através de quadros de excelência e de valor, e 39% uma “distinção mista”, focada simultaneamente nos resultados e nos comportamentos. As figuras 1 e 2 revelam algumas especificidades regionais com relevância sociológica: i) a prevalência da distinção centrada nos resultados académicos nas escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira (85,7%), sendo a região do país que mais aderiu a este tipo de prática; ii) o norte como a segunda região onde se verificou um maior peso da distinção centrada nos resultados (QZP 1 = 52,6%); iii) a “distinção mista” a destacar-se em Lisboa e península de Setúbal (QZP 7 = 40,4%) e no Oeste, Lezíria e Médio Tejo (QZP 6 = 61,0%) (Cf. Torres, Palhares & Borges, 2017).

Prevalece nestas escolas o culto pelo desempenho individual, a celebração do “alto rendimento”, o fascínio pelo lugar “exclusivo”. As avaliações periódicas parecem já não ser suficientes para classificar, diferenciar e hierarquizar as performances dos alunos, sendo agora necessário distinguir os melhores, conferir-lhes publicamente um estatuto de alunos-modelo. Sem negar a importância deste dispositivo como estratégia de reforço da aprendizagem dos estudantes e de estímulo ao desempenho dos professores, convém, contudo, indagar que tipo de efeitos a interiorização regular e sistemática deste padrão de excelência poderá gerar sobre o desenvolvimento integral dos sujeitos em formação.

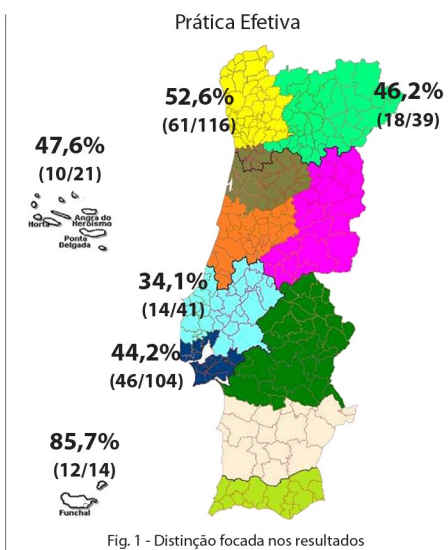


Fig. 1 - Distinção focada nos resultados

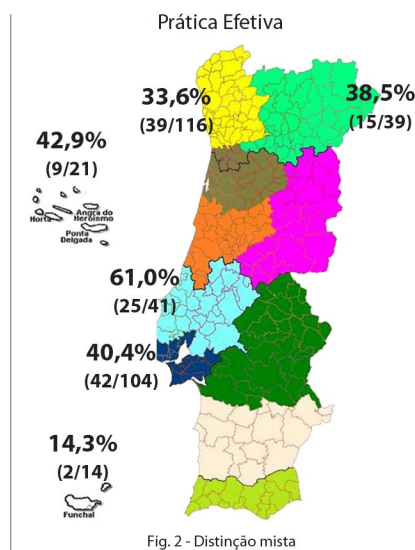


Fig. 2 - Distinção mista

Fonte: Documentos orientadores em vigor, sites das escolas/agrupamentos com ensino secundário, notícias publicadas na comunicação social, relatórios de avaliação externa e outros documentos (2013/2014).

2. Da miragem da exclusividade ao terror da exclusão

A curiosidade algo acidental que guiou as primeiras pesquisas que efetuei em 2005 sobre os alunos que integravam o quadro de excelência de uma escola secundária pública (alunos com médias iguais ou superiores a 18 valores) - numa altura em que esta prática era ainda pontual no panorama educativo nacional -, transformou-se, nos anos seguintes, num imperativo sociológico movido pela necessidade de compreender os contornos de um fenómeno cada vez mais intenso e culturalmente plural. Retomo duas interrogações que têm guiado esta incursão investigativa: i) de que modo os cerimoniais de distinção focados apenas nos resultados académicos se articulam com o desenvolvimento da cidadania democrática?; ii) até que ponto a *miragem* da exclusividade não estará a engendrar, no sentir dos alunos, o *terror* da exclusão, pela dificuldade crescente em alcançar um desempenho modelar?

A primeira questão remete para a discussão do sentido da missão da escola pública; por outras palavras, para a forma como cada escola define estrategicamente as suas prioridades no quadro de um Estado Democrático. A clássica dicotomia entre educação e instrução, reconcetualizada consoante as conjunturas sociopolíticas (inclusão versus exclusão, ou ainda *mais escola/melhor escola*), parece ganhar novos contornos, se bem que a naturalização das práticas de distinção no atual panorama educativo possa indiciar uma certa reelitização das instituições escolares. A disseminação generalizada de estratégias de gestão organizacional e pedagógica conducentes à promoção da excelência - turmas de alto rendimento, pedagogias instrutivas e transmissivas, formalização dos espaços não-curriculares, transformando-os em *campos de treino* de aceleração para os exames nacionais, disciplinarização do ofício do aluno, instituição de prémios e concursos - revela bem o investimento na fabricação de uma *coutada escolar*, indispensável à boa classificação da escola nos *rankings* e na avaliação externa. Todavia, dados recentes de investigação (Palhares & Torres, 2012; Torres & Palhares, 2017) revelam que os alunos com

elevados padrões de desempenho tendem a alienar-se da participação na vida escolar, a restringir a rede de convivalidades e de lazeres, a adotar práticas de estudo de tipo escolástico, centradas apenas nos manuais e associadas à frequência intensiva de explicações particulares. Perante este perfil-tipo, impõe-se perguntar qual o papel da instituição escolar no desenvolvimento de uma educação humanista, fundada nos valores da participação democrática, da justiça e do exercício da cidadania crítica? Que tipo de sujeito-cidadão está a ser construído na escola portuguesa?

A segunda questão remete-nos para as implicações que a crença no mérito escolar (na aceção clássica de Young, 1958/2004) pode desencadear sobre os excluídos das fileiras de excelência. É certo que se pode alegar que o acesso a esta elite pode funcionar como um horizonte de referência e, como tal, um estímulo ao trabalho, ao esforço e à dedicação individual. Por outro lado, a perceção que os alunos têm das dificuldades individuais ou mesmo da ausência de condições (sociais, culturais e económicas) para progredir em iguais circunstâncias que os “outros”, pode induzir comportamentos de desânimo, resignação e rejeição da cultura escolar e, de forma ainda mais vincada, reforçar rótulos e estigmas, vinculados pela hierarquia escolar, pouco propícios ao desenvolvimento de uma educação e formação democráticas. A interiorização da crença meritocrática enquanto modelo de justiça social, ou mesmo como ideal de competição justa, quotidianamente reforçada pelos professores por via dos julgamentos e das sentenças escolares e periodicamente objeto de mediatização social, leva a que os alunos excluídos se vejam como os únicos responsáveis pelo seu falhanço, sentindo-se como os “excluídos do interior” (Bourdieu & Champagne, 1993), pois não conseguem vislumbrar uma razão credível fora de si mesmos. É que estes alunos também são o que deles se pensa, na medida em que os rituais de distinção não só refletem a realidade como ajudam também a instituir-se como idealizações.

3. Os desafios da escola democrática

Justamente por constituírem valores incontornáveis e aparentemente consensuais, o

mérito e a excelência escolar tendem a ser objeto de instrumentalizações várias, sendo porventura a mais perversa a sua transformação em fim, em meta quase sempre apenas a uma conceção restrita e sacralizada das dimensões puramente reprodutivas do saber. Ignorar a dimensão multidimensional, processual e contingente da excelência, relevar a forma como os contextos a apropriam e operacionalizam no quotidiano escolar, gerando efeitos múltiplos nos percursos educativos dos alunos, significaria a demissão da vocação indagadora inerente ao ofício do sociólogo. Na verdade, o caminho mais interessante passará pelo reconhecimento da pluralidade de formas de excelência aliada a diferentes saberes e à diversidade de pedagogias, contrariando fenómenos de “racismo de inteligência”, apontados já na década de oitenta do século XX por Bourdieu (1984, p. 50). Ou seja, proceder à relativização e dessacralização da hierarquia unidimensional da excelência, do título escolar único, reconhecendo a sua natureza compósita e socialmente condicionada.

O desafio poderá passar por novas formas de olhar a competição escolar, mais focadas em grupos, comunidades ou mesmo escolas e menos no culto do indivíduo ou da performance individual. O aprofundamento das valências

inclusivas e democráticas não pode dispensar o reconhecimento e incorporação da diversidade de méritos e talentos individuais - eles próprios constitutivos da sociedade - não tanto como um fim em si mesmo, mas como um processo catalisador do desenvolvimento integral do sujeito, condição essencial à realização da missão educativa da escola pública, enquanto projeto mais amplo de justiça e coesão social. Uma “escola excelente” não pode resultar de um único princípio de excelência.

Notas

¹ Projeto PTDC/IVC-PEC/4942/2012 do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEE), intitulado *Entre Mais e Melhor escola: A excelência académica na escola pública portuguesa* (Excel.pt), financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Retomo neste artigo algumas reflexões publicadas em Torres, 2014, 2017.

Referências

Afonso, A. J. (2016). El campo de las políticas de accountability en educación. Para una reflexión más densa. *Profesorado. Revista de curriculum y formación del profesorado*, 20 (3), 1-12.

Afonso, A. J. (2009). *Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável*. Crítica à accountability baseada em testes estandarizados e rankings escolares. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 13-29.

Antunes, F. & Sá, V. (2010). *Públicos escolares e regulação da educação. Lutas concorrenciais na arena política*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

Bourdieu, P. (1984). *Questions de sociologie*. Paris: Éditions de Minuit.

Bourdieu, P. & Champanhe, P. (1993). Les exclus de l'intérieur. In P. Bourdieu (dir.). *La misère du monde* (pp. 597-603). Paris: Seuil.

Costa, J. A., Neto-Mendes, A. & Ventura, A. (2013). *Xplika Internacional: Panorâmica sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: UA Editora - Universidade de Aveiro.

Lima, L. C. (2011). *Administração escolar: estudos*. Porto: Porto Editora.

Lima, L. C. (2018). Agrupamentos de escolas: choques de racionalidades e práticas de dominação burocrática. In A. Neto-Mendes, J. A. Costa, M. Gonçalves & D. Fonseca. *Rede escolar: (re)configurações, tensões e desafios. VIII Simpósio de Organização e Gestão Escolar* (pp. 31-55). Aveiro: UA Editora.

Palhares, J. A. & Torres, L. L. (2012). Governação da escola e excelência académica: as representações dos alunos distinguidos num quadro de excelência. *Sociologia da Educação - Revista Luso-Brasileira*, Edição Especial, Rio de Janeiro, 234-258.

Torres, L. L. & Palhares, J. A. (Orgs.) (2014). *Entre mais e melhor escola em democracia. A inclusão e a excelência no sistema educativo português*. Lisboa: Mundos Sociais.

Torres, L. L. (2017). Cultura organizacional de escola, liderança e produção de resultados. In L. L. Torres, & J. A. Palhares (Orgs.), *A excelência académica na escola pública portuguesa* (pp. 129-156). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Torres, L. L. & Palhares, J. A. (Orgs.) (2017). *A excelência académica na escola pública portuguesa*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Torres, L. L., Palhares, J. A., & Afonso, A. J. (2018). Marketing accountability e excelência na escola pública portuguesa: A construção da imagem social da escola através da performatividade académica. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26(134).

Torres, L. L., Palhares, J. A. & Borges, G. (2017). A Excelência académica na escola pública portuguesa: tendências dominantes e especificidades. In Torres, L. L. & Palhares, J. A. (Orgs.). *A excelência académica na escola pública portuguesa* (pp. 87-106). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Young, M. (2004). *The rise of the meritocracy (7th printing)*. New Brunswick/ New Jersey: Transaction Publishers (edição original publicada em 1958).

